

Eixo Temático: Formação de Educadores, Reforma Agrária, Direitos Humanos e Educação do Campo

NAS GAVETAS DA MEMÓRIA: REFLEXÕES DA EXPERIÊNCIA VIVIDA

EN LOS CAJONES DE LA MEMORIA REFLEXIONES SOBRE LA EXPERIENCIA VIVIDA

Raquel Bezerra da Rocha¹

Kamila Karine dos Santos Wanderley (Orientadora)²

Resumo: Este artigo relata a trajetória pessoal e educativa no meio rural, destacando como as experiências da infância no campo influenciaram a formação da identidade docente. Através de memórias e desafios vividos, o texto reflete sobre o papel da escola do campo no desenvolvimento pessoal e na escolha pela docência. A metodologia adotada é baseada na história oral, valorizando as vivências e sua ressignificação. O relato dialoga com a Educação Popular e do Campo, enfatizando a importância de práticas pedagógicas que considerem o contexto rural e a coletividade, contribuindo para a formação de professores conectados às realidades do campo e à natureza.

Palavras-chave: Educação do Campo; Identidade Docente; História Oral; Práticas Pedagógicas.

Resumen: Este artículo relata la trayectoria personal y educativa en el medio rural, destacando cómo las experiencias de la infancia en el campo influyeron en la formación de la identidad docente. A través de memorias y desafíos vividos, el texto reflexiona sobre el papel de la escuela rural en el desarrollo personal y en la elección de la docencia. La metodología adoptada se basa en la historia oral, valorizando las vivencias y su resignificación. El relato dialoga con la Educación Popular y del Campo, enfatizando la importancia de prácticas pedagógicas que consideren el contexto rural y la colectividad, contribuyendo a la formación de profesores conectados con las realidades del campo y la naturaleza.

Palabras clave: Educación Rural; Identidad Docente; Historia Oral; Prácticas Pedagógicas

1. INTRODUÇÃO

¹ Graduanda em Pedagogia pela Universidade Estadual da Paraíba - Campus de Guarabira. Paraíba. Brasil. E-mail: raquel.bezerra.rocha@aluno.uepb.edu.br

² Professora Substituta do Departamento de Educação. Universidade Estadual da Paraíba. Guarabira. Paraíba. Brasil. E-mail: kamilakarinesw@hotmail.com

O presente trabalho tem como objetivo refletir sobre a trajetória pessoal e educativa vivida no contexto rural, destacando as experiências que moldaram minha identidade e influenciaram a escolha da docência como profissão. Para tanto, este relato busca descrever as vivências educativas significativas da infância e juventude no meio rural e analisar como essas experiências impactaram o desenvolvimento pessoal e a formação da identidade profissional, com ênfase na educação.

Além disso, procura-se compreender o papel da escola rural como espaço de socialização e de desenvolvimento de valores que promovem a relação com a natureza e a coletividade. A pesquisa indaga: de que maneira as experiências no meio rural influenciam a formação de professores e a construção de práticas educativas que valorizem o campo e a natureza? Utilizamos canções e poesias que perpassam minha trajetória, enriquecendo a reflexão sobre essas vivências.

O referencial teórico que sustenta este trabalho abrange conceitos relacionados à educação no campo, identidade e práticas pedagógicas, evidenciando a importância do contexto rural na formação docente. O texto está organizado em três partes principais: a metodologia, onde serão descritos os procedimentos adotados na pesquisa; o relato de experiência, que apresenta as vivências e reflexões pessoais; e, por fim, a conclusão, que sintetiza os principais achados e contribuições da pesquisa para o campo da educação.

2. METODOLOGIA

A metodologia deste relato baseia-se na experiência vivida, valorizando memórias individuais como fonte de conhecimento. Inspirada por Ecléa Bosi (1994), a história oral é utilizada para resgatar e investigar essas vivências. O relato não apenas reflete minha jornada pessoal, mas também dialoga com a perspectiva de que o conhecimento ultrapassa as práticas formais de ensino, permeando interações cotidianas. Arroyo (2017) ressalta que a Educação Popular e a Educação do Campo incorporam saberes frequentemente não reconhecidos pelos currículos, mas essenciais para formar sujeitos críticos. Ao compartilhar minhas vivências, busco dar visibilidade a essas experiências e enriquecer a compreensão do processo educativo.

3. RELATO DE EXPERIÊNCIA

Nas gavetas da memória, lá onde tudo fica arquivado, busco com carinho pastas de recordações para descrever em forma de relato, momentos que vem da minha infância, até os dias de hoje vivenciados. E como diria Belchior, "a minha história é talvez igual a tua"³, ou semelhante em alguns fatos. Uma menina do campo, que caminha em estradas de terra desde seus primeiros passos, por vezes de pele soada, pés empoeirados, sujos de lama sejam de chinelo, de tênis ou descalços, sem reclamar da sorte, a menina de riso forte, costuma acreditar que "a vida é o que sentimos e não o que nos foi negado"⁴ o que nos foi negado, falo não no sentido que viver na cidade seria a melhor opção, mas no sentido do quanto somos desassistidos, principalmente quando se fala em saúde e educação.

Minha literatura de vida é campesina, o meu viver é como um livro, a cada página vou somando experiências, interpretando de forma diferente, dando um novo sentido, através dos esforços e sonhos sigo construindo novos capítulos. Como todo livro tem seu título, penso que o da minha vida poderia ser: Sementinhas de girassol tentado florescer. Sim, sementinhas tentando florescer, pois sou brotada da terra, tenho o sol como ponto norteador, em meio ao cultivo que me faz florescer, esforços e sonhos são meus principais regador, e diante do solo da educação ressalto a importância de ser chuva por meios das ações de alguns de meus professores. Em meu primeiro capítulo, gosto de recordar minha entrada na escola, meu principal momento de socialização, criadas com pessoas de pouca escolaridade, a escola era também, meu espaço formal de educação. Da minha educação infantil são poucas as recordações, mas algumas seguem vivas e ao pensar me bate uma nostalgia, recordando a minha doce professora Maria. Durante o percurso pegava carona, os 5 km, era aparte mais legal de toda a semana, sobre um bagageiro de bicicleta, estendia os braços e me imaginava como um pássaro que voa, e de fato voava, voava nas asas da imaginação.

Iniciar o ensino fundamental, foi de grande realização, a começar pela bicicleta que essa eu já conduzia, embora tudo fosse novo, um novo professor e não mais minha professora Maria, tudo era muito legal até mesmo acordar as 05:30 da manhã todos os dias, cada ano no Ensino Fundamental, costumo dizer que era uma nova porteira que se abria. Lembro que no terceiro ano a professora nos fez plantar sementinhas de coentro

³ Trecho da Canção de Belchior - Fotografia 3X4 (1976).

⁴ Trecho de Carlos Drummond de Andrade (s.d).

em uma vasilha, com uma garrafa pete furada na tampa, tínhamos a missão de regar todos dias, por um período de tempo isso foi mantido, os coentros consumidos nas deliciosas merendas que dona Dédé fazia. O quarto ano, ainda recorro as aulas de geografia, conhecia as 5 regiões e a qual eu pertencia, me encantando com a chegada de Pedro Alves Cabral no momento que o Brasil “descobria”, acredito que por esta montado a cavalo, isso mais me envolvia. Como tudo que tinha cavalos eu me encantava, naturalmente eu sorria, sorria, imaginando o finalzinho de tarde, quando meu tio seu cavalo pegaria, talvez ali montada, se fosse hoje eu compreendia que queria ser Cabral, mas o sentimento de liberdade que carregava era como se fosse Dom Pedro, dando a Leopoldina a independência do Brasil que ela tanto queria.

No quinto ano, precisei me mudar, havia uma escola mais perto, e minha família resolveu me matricular, já não existia mais o perigo da pista, mais de piaba eu poderia brincar, pois necessitava um riacho atravessar, não era mais pela manhã, e sol escaldante do meio dia, eu também a piaba, podia relacionar, imaginando ela frita em uma temperatura de amedrontar. Início de ano marcado pelas fortes chuvas deixando boa parte das estradas alagadas, amava brincar na lama, mas morria de medo dos trovões que nos céus estrondava, sem contar nos nossos materiais que por vezes estragava, de sacolas os cobria, mas quase sempre chuva de supressa nos pegava.

O sexto ano tão sonhado chegou, agora transporte teria, passava frente a minha porta todos dias, tudo só durou uma semana, foram breves os momentos de alegria, o percurso do ônibus foi reduzido assim fui avisada, seria preciso caminhar um pouquinho até uma parada, onde pegaria o ônibus e para a escola seira transportada.

Sétimo ano batendo a porta, caminhando novamente eu já me imaginava, mas fui surpreendida, quando por uma antiga professora fui convidada, para estudar em cachoeirinha, também na zona rural localizada, que agora turma de sexto e sétimo ano ofertaria, como também transporte, frente a minha casa, e necessidade de se deslocar a pé eu não mais teria.

Da parte pedagógica, não tenho do que reclamar, não vou apontar todos, mas das aulas de português não tem como escapar, principalmente do sétimo e oitavo ano, que tinha a professora Gilberlane Bento nos desafiando para melhor nos desenvolver, das parodias, poemas, que ela nos propôs escrever, passe o tempo que passar eu vou sempre me lembrar pois é impossível esquecer. Sétimo ano, geografia, era a disciplinas que mais minha curiosidade despertava, tivemos aula de campo, em uma cachoeira bem próxima da nossa escola localizada, que tinha como objetivo, observar os espaços geográficos,

discutir o turismo presente na nossa região, para além disso, foi debatido o tema poluição. Tendo como ponto de partida a nossa realidade em sua introdução, as aulas eram vivenciadas de forma que me faz acreditar, que a aprendizagem se torna maior quando envolve o sentir, e por isso gerou maior interação. Confesso que começa nascer daqui o meu desejo de atuar na área da educação, me prendendo as questões que envolva o homem e natureza, sua relação.

Me disperso do fundamental, e adentro ao ensino médio, e novamente me vejo de mudança para outro colégio, agora não mais no sítio, e sim na cidade, me sentir meio que perdida durante aquela primeira tarde. Primeiro ano, com 15 anos novas experiências para mim estavam reservadas, desde as novas matérias que não conhecia, mas que me foram apresentadas. Segundo ano, tudo foi modificado, agora não mais todas as tardes, pois, o ensino integral na escola foi instalado, ainda bem que eu já não mais precisava carregar água, na carroça enchendo os “baldos”, se não iria ficar complicado, pois já acordava às quatro da manhã, e sendo assim, mais cedo teria que está com o boi a caminhar, para só assim está presente no horário do ônibus sem atrasos.

Terminando o ensino médio, fui para um curso técnico que muito me interessava. Mesmo gostando das aulas, não pude seguir esse caminho, pois teria que passar a semana inteira dormindo no campus III da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), na cidade de Bananeiras, e fazer dele a minha casa. Além disso, teria que arcar com os gastos necessários para me manter. Embora houvesse alojamentos disponíveis, não consegui permanecer lá. Chegando à pandemia, por um tempo fui paralisada, mesmo carregando dentro de mim, o desejo de ser uma jovem universitária, como nunca gostei de ficar parada, pois sou igual bicicleta, costumo dizer, se para eu caio e eu prefiro me mover, assim fui trabalhar no mercado, sem matar meu sonho, eu só deixei podado para que um dia ele venha florescer.

O sonho floresceu, e estou a caminho de realizar tudo que sonhei um dia. E se no fundamental, cada ano era como uma porteira que se abria, quero dizer que a Universidade é um mundão sem porteira. Como gosto de ressaltar; o esforço é a escada dos quem não possui o elevador das oportunidades, por isso acredito que a universidade se torna essas escadarias. O mundo mágico da Universidade, começa desde as aulas, aos projetos de extensão, onde você pode fixar seu olhar, em novos horizontes partindo da sua identificação. Falo com grande apropriação do componente de Educação Escolar do Campo, foi meu primeiro momento de sentir pertencente aquela realidade que estava por mim sendo vivenciada referente a educação. O projeto intitulado, Educampo-UEPB, o

qual como voluntária (2023-2024) tenho participação, foi berço para ir fortificando o anseio de seguir essa linha de aprofundamento. E tudo se torna mais revigorado, e agora de fato, digo que todo quebra cabeça foi montando, tirei essa conclusão quando o componente de Metodologias do Ensino de Geografia foi apresentado, os assuntos trabalhados, como: pontos cardeais e conceito de lugar, a forma como as aulas foi conduzida, me trouxe essa visão, e sem dúvidas foi meu ponto norteador, norteando meu lugar de desejo, de uma futura atuação.

Como diria Maria Gadú em sua canção: “todos caminhos trilham para a gente se ver, todas as trilhas, caminham para a gente se achar”⁵, foi então, que encontre outro projeto de extensão: “Práticas Ambientais a partir dos Objetivos Do Desenvolvimento Sustentável (ODS) em Escolas Públicas e Comunidades do Estado da Paraíba (Parte III)” me tornei voluntaria no ano de 2024.

Diante do processo de construção do conhecimento, não teria brotado em mim, muito menos conseguindo crescer se não fosse o ser chuva por meio das ações como falei de alguns de meus professores, que fez em mim esse encanto por essas áreas florescer, A professora Kamila Karine, a professora Elayne França só tenho a agradecer. E como diria Cris Pizziment ⁶“sou feita de retalhos. Pedacinhos coloridos de cada vida que passa pela minha e que vou costurando na alma...” obrigada por serem esse pedacinho colorido e esse modelo de professora, a qual quero ser.

CONCLUSÃO

Portanto, é fundamental ressaltar a importância dos componentes que enfatizam a valorização das escolas do campo dentro de um processo de formação voltado para a educação.

Diante disso, como mencionei no início, tendo minhas raízes no campo e considerando os desafios encontrados ao longo da jornada, hoje, aos 22 anos, se me perguntassem: "Raquel, qual é o seu projeto de vida?", eu diria, entre aspas, e do trecho da canção "Casinha Branca"⁷ apenas o tempo do verbo querer modificaria. Já não diria "eu queria", mas sim "eu quero", e assim continuaria: "ter na vida simplesmente, um lugar

⁵ Trecho da canção de Maria Gadú - Tudo Diferente (2009).

⁶ Trecho da poesia “Sou Feita de Retalhos” de Cris Pizziment (2013).

⁷ Trecho da canção “Casinha Branca”, de Gilson e Joran (1979).

de mato verde pra plantar e pra colher, ter uma casinha branca de varanda, um quintal e uma janela para ver o sol nascer."

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel G. **Currículo, território em disputa**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2017.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Obras reunidas**. Rio de Janeiro: José Olympio, [s.d.].

BELCHIOR. **Fotografia 3x4**. In: **Alucinação**. [S.l.]: Philips, 1976. (faixa de álbum).

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

GADÚ, Maria. **Tudo diferente**. [S.l.]: Maria Gadú, 2009. (faixa de álbum).

PIZZIMENT, Cris. **Sou feita de retalhos**. [S.l.]: Cris Pizziment, 2013.